

O PÓRTICO DO MOSTEIRO DE SÃO SEBASTIÃO DA BAHIA *

*Eugênio de Ávila Lins ***

INTRODUÇÃO

A fundação do Mosteiro Beneditino de São Sebastião da Bahia pela "Congregação do Glorioso Pai São Bento de Portugal", o primeiro da Ordem no Novo Mundo, inseriu-se num novo contexto político/religioso e social/económico, fruto de profundas transformações estruturais ocorridas na sociedade, principalmente no ocidente, a partir do século XV, marcando definitivamente a história da civilização.

A acção das ordens religiosas no trabalho de conversão de gentios nos reinos de além-mar foi um projecto estritamente vinculado às directrizes do Concílio de Trento e ao papel do Estado Português, com o braço secular na concretização das políticas oriundas do Concílio. Neste cenário histórico, exercendo o Padroado Régio, o Rei foi o principal agente reformador das ordens religiosas em Portugal, ao tempo em que assumiu a missão de levar a todo território do ultramarino (resultado de suas conquistas) a acção evangelizadora, através do clero regular e secular da igreja. A política evangelizadora do Estado português antecedeu, em alguns casos, a efectivação das reformas religiosas, como é o caso da ordem beneditina, que só ocorreu, de fato, em 1570, já estando autorizada pela Santa Sé desde 1566.

Quando a Congregação Beneditina Portuguesa realizou seu segundo Capítulo no mosteiro de Tibães, em 13 de fevereiro de 1575, período em que a mesma estava ainda na fase de estruturação, utilizando-se das "Constituições de Castela" como elemento de suas acções espirituais e temporais, os padres capitulares estabeleceram, em uma das definições:

* Texto extraído da Tese de Doutorado intitulada "Arquitectura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil – século XVI a XIX". Apoio CAPES.

** *Faculdade de Arquitectura da Universidade Federal da Bahia.*

Item por todo o Capitulo Geral foi dito e determinado que quando El Rey Nosso Senhor tivese por bem que asi na India como no Brasil e partes outras da lem ouvese Mosteiros de nossa Ordem cometião o mandar Relligiosos ao nosso Reverendo Padre Geral e lhe davao poder pera que pudesse elleger os que bem lhe parecese e mandalos não os forçando a isso senão querendo elles por sua vontade hir [...] (AMS, Bezerro 1, f. 35v).

A Congregação beneditina, desta maneira, atendia às determinações do Rei, tendo em vista, principalmente, o fato de que, quando do seu estabelecimento, Dom Sebastião havia concedido inúmeros privilégios e concessões. Em 1580, o Abade Geral da Ordem enviou um emissário a Salvador, cidade sede do Governo Geral do Brasil, com a tarefa de avaliar a possibilidade de estabelecer-se nessa urbe, tendo em vista as exigências de garantias dos meios necessários para a fundação e manutenção física desses estabelecimentos por parte da população e do governo local.

Em "Capítulo" Geral da Congregação, realizado no Mosteiro de São Bento da Saúde em Lisboa, em 29 de setembro de 1581, na sessão de 7 de outubro, os padres capitulares, provavelmente munidos das informações trazidas pelo enviado do Abade Geral ao Brasil, definiram e ordenaram o envio de religiosos para a fundação de mosteiros:

Proposse em Capitulo pello nosso muy Reverendo Padre Geral como de muytas das partes do Brasil era importunado per suas cartas lhes mandasse da nossa Congregação alguns Religiosos que pudessem laá entender na conversão da gentilidade, e ordenar Mosteiros per serem muy devotos do nosso glorioso Padre São Bento e aceitaram quasi todos a irmandade da dita Ordem; o que pareceo muyto bem a dita Congregação (AMS, Bezerro 1, f. 61).

A Congregação Beneditina Portuguesa estava no período áureo da sua reforma, por vezes não muito pacífica. As exigências disciplinares, envolvendo questões de ordem espiritual, eram cada vez mais exercidas e cobradas. O fervor e o compromisso espiritual são a praxe do novo momento. Neste contexto, inseriu-se a ida dos primeiros monges para o Brasil; abriu-se um novo campo para obras missionárias.

Quando da chegada dos monges a Salvador, provavelmente em fins de 1581, o Dietário registra os inúmeros oferecimentos por parte de pessoas importantes da terra para abrigá-los em suas casas. Estes, entretanto, por razões estritamente vinculadas à Regra beneditina, escusaram os convites:

[...] forão buscar a Capella, que lhes estava destina, recolhendo-se as suas casas a ella contiguas, as quaes reduzidas a clauzura, que nella derão principio a um Mosteiro, que pelo tempo adiante havia de ser o esplendor, e ornamento desta Cidade. Em breves tempos derão elles a conhecer aos habitantes da terra, que à honra de Deos, e o zelo das suas almas era o fim único, que os trazia a estabelecer nesta Quarta parte do Mundo uma religião tão nobre, como esclarecida, porque // naquelles poucos Monges, de que se ordenava a Comunidade, virão, a admirarão a observancia da regra, e estatutos, a perfeição do culto, e das ceremonias, a frequencia dos pulpitos, e confessionarios, e finalmente o exemplo nas acções, e nas virtudes (AMSBBa, cód. 155, f. 04-05).

Tomando conhecimento do progresso do mosteiro baiano, os padres capitulares, em seu 5º Capítulo Geral da Congregação, realizado no Mosteiro de Pombeiro, em 29 de setembro de 1584, resolveram incorporar o Mosteiro de S. Sebastião da Bahia à Congregação Beneditina Portuguesa, elevando-o à categoria de Abadia e o Frei Antônio Ventura à dignidade de Abade, como registra o documento guardado no Arquivo do Mosteiro de Singeverga (Bezerro 1, f. 90-91v):

Na mesma sessão se diffinio por toda a Congregação que o Mosteiro de São Sebastião de nossa Ordem situado na cidade do Salvador Baia de Todos os Sanctos, se unisse e incorporasse como de feyto unimos e incorporamos a esta Congregação de São Bento de Portugal pera que ella dita casa daquy em diante goze de todos nossos privilegios, indultos, gracas e facultades de que temos das Congregações nossas de Castella, Monte Cassino e Sancta Justina de Padua, gozamos: Pera que o dito Mosteiro como menbro desta Congregação de Portugal goze de tudo o que gozamos. E visto como o dito Mosteiro esta ja formado de officinas e tem convento, ouve así mesmo por bem toda a Sancta Congregação que o Padre Frey Antonio Ventura que agora esta por Presidente no dito Mosteiro tenha titulo de Abbade [...]

247

A fundação beneditina da Bahia atingia, desta forma, sua maior dignidade. A partir deste fato, esta casa possuía todos os privilégios, indultos, graças e facultades das demais casas de Portugal, Espanha e Itália.

A IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO

Quando da implantação da Ordem de São Bento na Cidade do Salvador, a segunda doação realizada para viabilizar a fundação do mos-

teiro, foi a da Capela de São Sebastião, feita pelo Bispo Dom Antonio Barreiros, em 1581. Esta capela foi fundada pelos Jesuítas no local de um aldeamento indígena, que passou a ser denominado de "Aldeia de São Sebastião". Posteriormente, com o deslocamento da aldeia para outra área nos arrabaldes da cidade, a capela foi incorporada ao Bispado, passando para seu ordinário. A Capela de São Sebastião constitui-se no primeiro templo da Ordem de São Bento no "Novo Mundo". É provável que os monges, ao ocuparem a referida capela, tenham executado algumas obras, de modo a atender às necessidades da celebração do "Ofício Divino". Esta suposição é reforçada pelas notícias constantes no relato de Gabriel Soares e também na Ata do Capítulo Geral celebrado em Pombeiro, de que, em 1584, o mosteiro já estava formado de oficinas e já possuía convento.

A construção de um novo templo para substituir a "igreja velha", como era chamada a primitiva, já era uma questão mencionada em 1584. Quando Gabriel Soares escreveu seu testamento, estabeleceu como uma das condições para a doação de seu património ao mosteiro a seguinte exigência:

[...] digo e declaro por meu herdeiro de toda a minha fazenda ao Mosteiro de Sam Bento da Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos com comdiSam que eu e minha molher Anna de Argollo nos emterremos ambos na dita Capella mor que hora he e fallecendo antes que se faca a Capella mor da Igreja nova passaram a nosa osada a dita Capella mor e da Igreja nova onde estará a minha Sepultura [...] (LIVRO, 1945, p. 399).

No início do século XVII, os monges beneditinos ainda não tinham encetado a construção da nova igreja, provavelmente porque as rendas de que dispunham não eram suficientes para esta empreitada. Tanto que, em 1612, a Congregação determinou que fossem vendidas algumas casas de sua propriedade, localizadas na Ilha Terceira, nos Açores, para que o produto dessa venda fosse empregado no mosteiro da Bahia, que necessitava de rendas sólidas (BNL, cód. 11416, p. 396). Nas primeiras décadas do seiscentos, o mosteiro vivia dos foros das terras arrendadas e das rendas dos currais de gado e das roças de farinha de suas propriedades da Graça e Itapuã, e de alguns roçados de cana-de-açúcar, localizados na área do recôncavo da Bahia de Todos os Santos (AHU-CU, cód. 284, f. 162).

A primeira notícia referente à construção do novo templo é de 1612. Está registrada no Livro Velho do Tombo (1945), em um "Treslado de

huma Certidão...", que os Oficiais da Câmara passaram uma carta de aforamento de uns "chãos" ao Abade do Mosteiro da Bahia. Necessitando de espaço para a construção da nova igreja, os monges enviaram ao Senado da Câmara uma petição, na qual apresentaram as seguintes justificativas:

[...] para edeficarem que ora tinha, digo, a Igreja nova que ora tinhaó que fazer orago do Bemaventurado S. Sebastião lhez hera necessario ocuparem com ella alem do Lugar que ora occupa a Igreja velha o Lugar que nadianteira della estava ocupado com a pedra que esta junta para o feito da mesma igreja que era couza pouca, e Sem a qual o caminho, e rua ficava muito Largo, e capaz [...] (LIVRO, 1945, p. 415).

Os Oficiais do Senado da Câmara enviaram o Procurador, o arruador e o mestre das obras para verificarem se a solicitação dos monges prejudicava ou não a Cidade. Após a análise in loco, foi emitido um parecer favorável ao mosteiro, sendo porém estabelecido pela Câmara que a rua (actual Sete de Setembro) de acesso à igreja deveria ter sessenta e seis palmos de largura – o dobro das demais ruas da cidade (ROCHA, 1997).

Nas "Constituyções e deffinicoens da Ordem de São Bento pêra á Província do Brazil", documento elaborado no Mosteiro da Bahia, em 1623, no capítulo referente às obras, está prescrito que os Abades do Mosteiro da Bahia estavam proibidos de executarem "obras alguma de consideração", antes que fossem concluídas as obras da igreja. Este fato demonstra que a construção do referido templo estendeu-se por um período de mais de dez anos (AMSBV, doc. s.n., 1623).

Sobre a conclusão das obras no ano de 1624, quando os holandeses invadiram a cidade de Salvador, não se tem notícias. Nessa ocasião, os invasores não provocaram maiores danos ao mosteiro, nem o transformaram em quartel, apenas ocuparam suas dependências por uma noite, aproveitando a ocasião para roubarem vinhos, doces, baixelas de prata e muitos objectos preciosos de arte. A igreja nova, e consequentemente todo o mosteiro, sofreu efectivamente grandes danos quando da retomada da cidade, em 1625. Uma parte das tropas da Armada Libertadora, ao ocupar o mosteiro, construiu baterias em seu interior, destruindo parte dos muros e paredes das oficinas, inclusive da capela-mor (ROCHA, 1997, p. 668).

Após a expulsão dos holandeses, os monges beneditinos retornaram ao mosteiro e realizaram várias obras de reconstrução do seu conjunto monásti-

co. Sobre a igreja nova desse período não contamos com documentação que nos permita traçar um perfil detalhado de sua arquitetura. Os documentos de que dispomos para efectivar uma análise arquitectónica do templo são, basicamente, as iconografias produzidas durante e após a reconquista da cidade, em 1625. Estas iconografias¹ permitem a identificação de algumas características básicas do templo: era uma igreja de nave única, não possuía torres e tinha sua face voltada para o oeste (ocidente) e, logicamente, o altar estava voltado para o oriente, como recomendava a tradição cristã.

O PÓRTICO DA NOVA IGREJA

Em meados do século XVII, o relato da visitação realizada pelo reverendo Padre Provincial, em 1654, registra o comprometimento da estrutura da igreja "nova": "[...] posto que estando a Igreja desta Caza com espeques², requer se faça grandissima consideração das obras da Igreja [...]" (ADB-CSB, cód. 37, f. 43v). O estado de deterioração física do templo, com escoras sustentando paredes e tectos, foi, provavelmente, um dos motivos que levou a Ordem a tomar a decisão de construir uma igreja totalmente nova. A decisão do início da construção do novo templo possivelmente foi tomada após a "Capitulação dos Holandeses", em Pernambuco, ainda no ano de 1654. Esta hipótese é confirmada pelos registros do "Estado" do período de 1652-1656: "Tem se começado a Igreja ha hum anno em que se tem gastado sinco mil e quinhentos cruzados que entrão na quantia do dinheiro que o depozito deu as obras e ai continuam // com grande fevor" (ADB-CSB, cód.136, p.10).

A construção do novo templo irá sobrepor a igreja existente. O eixo longitudinal da nova igreja estará perpendicular à nave do antigo templo, coincidindo, na sobreposição entre as duas, as áreas do transepto e da capela-mor da nova construção com o edifício existente. O fato de não se poder

¹ Planta de Restituição da Bahia "Original de João Teixeira Albenaz", do códice "Estado do Brasil coligido das mais certas notícias...". ca.1625 (1631), "Sitio y empresa da la Ciudad de Salvador en la Baya de Todos Santos...", 1625, "Desenho das Forteficações e Trincheiras que se fizerão em deffença do inimigo", ca. 1638.

² "Espeque: pao comprido que serve de sustentar alguma cousa, que não caya" (BLUTEAU, 1712, p. 268).

demolir a igreja antiga no início das obras do novo edifício, fez com que o maior empenho construtivo se desse a partir do frontispício, situação pouco comum. Em geral, as obras eram iniciadas pela capela-mor, em razão de que, após a sua conclusão, era possível realizar a consagração do novo templo e o restante do edifício seria concluído ao longo do tempo, conforme a disponibilidade de recursos financeiros. É muito comum na arquitectura religiosa brasileira as construções das igrejas a partir da capela-mor iniciarem em um determinado século e a conclusão do frontispício no século seguinte, às vezes em um espaço de tempo bastante longo. No caso do Mosteiro da Bahia ocorreu o inverso. O frontispício foi praticamente concluído em 1660, e a capela-mor, somente em meados do século XIX.

O frontispicio se levantou athe a primeira cornija que fica quatro palmos asima do choro com tres portas quatro colunas com todas as armas, hinsignias da religião abertas em cantaria.³

Fesse o primeiro arco do choro, fica muita cantaria lavrada pera os outros dous arcos do choro, & pera algumas das capellas que fição da parte do claustro; desta parte se levantarão huns pilares, athe o acento dos capiteis & posse a outra pedra do pulpito. Fesse a porta que sae pera o claustro, e huma abobeda com dous arcos de cantaria, desta parte se continuou com a torre athe as ginelas dos sinos com suas cornijas e frestas, a torre da outra parte fica na primeira cornija, que he asima/ do andar do choro (ADB-CSB, cód. 136, p. 33).

O projecto e execução da obra do pórtico/galilé⁴ do mosteiro da Bahia é atribuído a "Frey Macário de San Juan", tendo em vista a sua formação de arquitecto "[...] peritissimo não só nas obras de arquithetura, mas de emxambradura [...]" (ADB-CSB, cód. 37, f. 43v) e a sua presença nessa casa, no mesmo período, como administrador das obras, função que provavelmente exerceu até o ano de sua morte, em 1676. A descoberta de dois novos documentos reforça o papel deste monge na construção da nova igreja. O primeiro, a visitação realizada no mosteiro em 1654, pelo Padre Provincial, que faz o seguinte relato:

³ Ver Desenho 1 - Pórtico/frontispício interno.

⁴ A utilização dos dois termos "pórtico" e "galilé" para designar o mesmo espaço, tem com fundamento dois princípios básicos da Ordem Beneditina: o mundo "temporal" e "espiritual". O "pórtico" está na primeira categoria, designando um espaço arquitectónico: "galeria aberta sustentada por colunas ou pilares, colocadas à frente de um edifício" (RODRIGUES, 1996, p. 220). A "galilé", inserida no "espiritual", designa um espaço litúrgico, conforme São Tomás (1974).

E forsoume a deixar continuar ao Padre Dom Abbade estas obras o grande zello, e fervor com que as continua, e teremos o Irmão Frey Machario, que he o que administra as obras com muyta diligencia e fervor e peritissimo não só nas obras de arquiteutura, mas de emxambradura, o qual me fes o requerimento que vai com esta, e por não saber quem vira por Abbade. Por que tudo se perde por que não há homens senão espatalhos (ADB-CSB, cód. 37, fl.43v, grifos do autor).

O segundo documento é uma carta escrita pelo "Irmão Frey Frei Machario de San Juan" ao Padre Provincial, sobre as obras que estavam sendo realizadas no mosteiro e na mesma assina: "o architecto Fr. Machario de San Juan" (ADB-CSB, cód. 136, p.09, grifo do autor).

Cronologicamente, estes documentos são, até o momento, a primeira referência que se tem sobre o Irmão Frey Machario, e também os únicos registros que permitem traçar um perfil de suas qualidades e formação profissional. As informações encontradas sobre esse monge são bastante restritas, o que dificulta a inserção desse religioso na história da arte luso-brasileira.⁵

252

Como veremos no decorrer do texto, os levantamentos cadastrais e as análises formais desse elemento arquitectónico apontam como base para a sua concepção o "Tratado de Arquitectura de Serlio", considerando, evidentemente, que o autor não se limitou a realizar uma cópia, mas colocou muito de sua capacidade intelectual e criativa, formada, inclusive, sob a influência de outros tratados de arquitectura.

Um primeiro elemento que denota o conhecimento e a utilização do "Tratado de Serlio" é a escolha da ordem arquitectónica "dórica", utilizada no arco triunfal do pórtico/galilé. A Igreja do Mosteiro de Bahia tem como padroeiro São Sebastião⁶, santo mártir que morreu em nome da fé no século III. A vida e morte deste santo se coaduna com a descrição apresenta-

⁵ Silva-Nigra (1971) faz apenas duas referências a Frei Macário: o Dietário do Mosteiro de São Sebastião da Bahia e o Livro da Santa Casa da Misericórdia.

São Sebastião nasceu na Gália no século III. Cristão, alistou-se nas legiões do imperador, com a intenção de aliviar os sofrimentos dos irmãos de fé. Em virtude de sua actuação em defesa da fé cristã, não demorou muito para que o imperador Deoclesiano soubesse dos seus feitos. Este passou a exigir que Sebastião renunciasse ao cristianismo. Todas as tentativas e argumentações do Imperador foram de encontro à inflexibilidade do militar. Sem mais delongas, Deoclesiano ordenou aos soldados que o amarrassem a uma árvore e o asseitassem. Os soldados despiram-no, ataram-no a uma árvore e atiraram-lhes setas, deixando a vítima supostamente morta. Porém, quando outros cristãos foram lhe dar sepultura ainda o encontraram com vida, e o salvaram. Após a recuperação, Sebastião se apresentou a Deoclesiano como testemunho de fé; este, porém, enfurecido, mandou os soldados o prenderem e executar na presença do povo.

da por Serlio no seu tratado, no qual recomenda a utilização da ordem dórica nos templos dedicados a santos com as mesmas características por ele apresentadas:

De la Orden Dorica. Cap. VI.

Os antiguos constituyeron esta obra Dorica a Jupiter, y a Marte, y a Hercules, y a otros dioses robustos: mas despues dela encarnacion encarnacion dela salud humana, devemos los christianos proceder y ordenarla por otra orden: y ansi digo, que aviendose de edificar algun templo consagrado Jesu christo redemptor nuestro, o a sant Pedro, o a sant Pablo, o a Sanctiago, o sant Jorge, o a otros qualquier sanctos cuya profession, no solo aya sido de hombres de guerra, mas que tábien ayan tenido del del licado y humilde, y tambien parte de fuerte y robusto, en poner la vida por la fee de Christo. A estos sanctos conviene hazerles los templos deste genero Dorico (SERLIO, 1990, f.19).

O pórtico/galilé do Mosteiro da Bahia, diferentemente dos existentes nos mosteiros portugueses, por se projectar com largura correspondente apenas à nave da igreja, é formado por um sistema de arcadas, em arcos plenos, distribuídas da seguinte forma: três arcos no trecho frontal e dois nos laterais. Sobre as arcadas, no nível do coro, no trecho frontal, três janelas rasgadas apoiam-se sobre uma cornija contínua e mais duas ordens com três janelas cada, separadas também por uma cornija de grande proporção. Os trechos laterais do pórtico possuem também a mesma ordem de vãos, sendo que em número de dois em cada nível. As janelas da última ordem do pórtico, com excepção da central, do trecho frontal, são todas compostas apenas pelas modenaturas dos vãos, encontrando-se emparedadas, pois correspondem ao vão entre a abóbada e o telhado. Toda a modenatura dos vãos, cornijas e pilastras é extremamente fina, demonstrando a excelência dos oficiais que as executaram, tendo em vista que a pedra trabalhada, o "arenito", é uma rocha sedimentar, muito porosa e de difícil corte. As torres, recuadas em relação ao pórtico/galilé, possuem também os mesmos tramos horizontais do pórtico, contudo os vãos apresentam formas variadas.

Os arcos da galeria têm a altura correspondente ao dobro do vão. O seu fecho possui, nas duas partes frontais, elemento decorativo em baixo relevo e, na área do intradorso, uma ornamentação formada de desenhos geométricos de formas rectilíneas e curvas que se entrelaçam, com características do século XVI (RACINET, 1996, p. 220-226).

A parede do fundo do pórtico/galilé, que dá acesso à nave da igreja através de três portas, é composta por um arco triunfal que, seguramente, é o mais importante elemento clássico da arquitetura brasileira do século XVII⁷. As três portas de acesso ao templo estão inseridas sob um entablamento que ressalta em grande saliência perpendicular às colunas sobrepostas, sendo estas de ordem dórica-romana, com caneluras dentadas no terço inferior; as pilastras, com a mesma composição formal, lhes correspondem, na parede (BAZIN, 1983, p. 115).

As colunas se encontram sobre pedestais, que apresentam uma modenatura reentrante na cantaria, formando um desenho que tem por base figuras retangulares. Todos os elementos da coluna, base, fuste e capitel possuem um sistema de proporção com base em um módulo, conforme o estabelecido no Livro Quatro, folha 21 do Tratado de Serlio.

As três portas de acesso à igreja, que se encontram entre as colunas, possuem dimensões e formas diferenciadas. As duas localizadas no lado do Evangelho e no lado da Epístola possuem verga recta e um sistema de proporção nas suas medidas, no qual a altura corresponde a duas vezes a largura. A sua cercadura em cantaria é formada por uma modenatura com chanfro em ângulos rectos na parte inferior e superior de suas ombreiras. Sobre a verga, um friso abaulado e, sobre este, está assentado um grande frontão triangular, com modenatura bastante elaborada, com dentículos e óvalos, possuindo uma altura que foge à regra estabelecida nos tratados de arquitetura de Serlio (1990) e Vignola (1702).

A porta localizada no trecho central do arco triunfal, com verga em arco pleno, possui, tanto em largura como em altura, dimensão bem superior às demais. A cercadura em cantaria, com impostas bem elaboradas e moldura superior com acabamento em óvalos, possui no seu fecho um brasão com as armas da Ordem de São Bento. Sobrepostas ao pano da parede, no trecho da curvatura da verga da porta, existem duas almofadas em cantaria, de forma triangular, sendo que um dos lados acompanha a curvatura da porta, com modenatura de acabamento com ornato em óvalos.

⁷ Ver Fotografia 1 – Vista do pórtico da Igreja de São Sebastião da Bahia.

O entablamento do arco do triunfo, composto por cornija, friso e arquitrave, segue as proporções e detalhes estabelecidos em Serlio (1990)⁸. O elemento mais elaborado do referido entablamento é o friso, composto de tríglifos e métopas, sendo que, nestas últimas, estão esculpidos em baixo relevo uma série de símbolos, "[...] com todas as armas, hinsignias da religião abertas em cantaria" (ADB-CSB, cód. 136, p. 33)⁹.

Os tratados de arquitectura que tiveram grande circulação em determinados meios artísticos e culturais nos séculos XVI e XVII, tais como o de Giacomo Barozzi da Vignola (1702) e Vincenzo Scamozzi (1615), quando tratam da ordem dórica exemplificam os elementos arquitectónicos através de desenhos. Os entablamentos, em particular, estão configurados por métopas com figuras/símbolos em baixo relevo. Apesar de ser um exemplo arquitectónico que teve grande divulgação nos meios afins, não detectamos, nas pesquisas realizadas, principalmente na arquitectura portuguesa e espanhola dos séculos XVI e XVII, o emprego dessa ornamentação, quando do uso da ordem dórica nos edifícios.

A ordem dórica foi empregada em templo cristão pela primeira vez na construção do "templete" erigido em memória da crucificação do Apóstolo São Pedro em Roma, projectado por Bramante em 1498. Este templo foi construído sob os auspícios dos Reis Católicos da Espanha. Em 1502, o Cardeal de Santa Cruz, Bernardino López de Caevajal¹⁰, como comissionado dos reis, colocava a primeira pedra da edificação, a qual fechava a primitiva cripta existente no local, dando início à execução do projecto de Bramante (BRUSCHI, 1987).

⁸ "En cima del capitel Dorico como ya es dicho, se há de poner el espistelio, que es el architrave, el qual há de tener de alto un modulo. E este modulo ha de ser partido en siete partes, dela una delas quales ha de ser la Tania, que es el Fileton que corre encima del architrave. Debaxo de esta Tenia há de estar las Gotas con el Filete de que está colgadas, há de ser con el Filete dela sexta parte de un modulo: y esta sexta parte sera repartida en quatro, las tres será las Gotas, y las otras sera el Filete: y las Gotas há de ser de numero seys, y há se de poner en baxo y en derecho de los Triglifos. Estes Triglifos han de tener de alto modulo y medio, y de ancho un modulo, y há de ser repartido en doze partes, y las dos de ellas que vienen en las orillas del Trigligo, seran para las medias canales, y de las diez partes que quedan, há de ser las seys los llanos del triglifos, y las quatro seran para las dos canales hondas que viene en medio. Por manera que han de ser de partes yguales: an si los llanos como las canales. Es espacio de entre un Trigligo y outro, há de ser de modulo y medio: el qual sea de quadrado perfecto. El espacio de entre un Trigligo y outro, há de ser modulo y medio: el qual sea de quadrado perfecto. A estos espacios llama Vitruvio Metopas: y por mas delicadeza y ornato se podran adornar de semejantes cosas como enel quadrado.B." (SERLIO, 1990, Livro Quatro, f. XX v.).

⁹ Ver Fotografia 2 – Trecho do entablamento do pórtico da Igreja de São Sebastião da Bahia.

¹⁰ Sobre o Cardeal de Santa Cruz, cf. Bruschi (1987).

Para alguns estudiosos do "Templo de San Pedro", principalmente Manfredo Tafuri (apud BRUSCHI, 1987), o entendimento do significado desse templo exige a compreensão da relação do Cardeal de Santa Cruz com a abertura do livro Apocalypsis Nova, do Beato Amadeo, ocorrido em 1502. Tafuri (apud BRUSCHI, 1987, p. 212, grifo do autor) assinala a importância do tema do sacramento e do altar da eucaristia no texto do livro Apocalypsis Nova e a aparição das simbologias eucarísticas nas métopas do templo:

Assim pois, a idéia das métopas decoradas, que pode atribuir-se ao próprio arquitecto, ainda que nos remeta à Antiguidade – especialmente à representação de objectos litúrgicos pagãos no entablamento do templo de Vespasiano – aqui é usada para representar, sem contradições ou ambiguidades, um programa essencialmente cristão, religioso e político. Trata-se de honrar a San Pedro como Primeiro Pontífice da Igreja (entendida como uma instituição não somente espiritual), guardião do culto e da norma litúrgica, capaz de administrar a graça – a fonte viva que emana da rocha que o simboliza – através dos sacramentos, de assegurar a "religação", a união entre Deus e os homens.¹¹

256

A introdução de Bramante na Espanha, deu-se, provavelmente, através do Tratado de Architectura de Serlio. Os elogios ao artista bolonhês aparecem em seu III e IV Livro de Architectura, traduzido para o castelhano por "Francisco de Vallalpando", em 1552. Não podemos deixar de registrar que Francisco de Holanda (apud BRUSCHI, 1987), em sua obra *De la pintura antigua*, de 1548, refere-se ao arquitecto italiano como o segundo artista depois de Miguel Angelo. Pouco tempo depois, em sua obra *Diálogo de la Pintura 2*, Francisco de Holanda (apud BRUSCHI, 1987) volta a referir-se a Bramante como exemplo da grandeza de alguns pintores que exerceram a actividade de arquitecto.

Diante da falta de exemplos similares em Portugal, estabelecer um vínculo entre o "Templo São Pedro em Montorio" e o pórtico do Mosteiro da

¹¹ Así pues, la idea de las metopas decoradas, que puede atribuirse al propio arquitecto, aunque nos remite a la Antiguidad – especialmente a la representación de objetos litúrgicos paganos en el entablamento del templo de Vespasiano – aquí está usada para representar, sin contradicciones o ambigüedades, un programa esencialmente cristiano, religioso y político. Se trata de honrar a San Pedro como Primus Pontifex de la Iglesia (entendida como una institución no sólo espiritual), guardián del culto y da norma litúrgica, capaz de administrar la gracia – la fuente viva que mana de la roca que lo simboliza – a través de los sacramentos, de asegurar la "religio", la unión entre Dios y los hombres (grifo do autor).

Bahia seria, no momento, uma precipitação, pela ausência de documentos relacionados ao autor do projecto, o arquitecto espanhol "Frey Macário de San Juan", ainda muito pouco conhecido, que permitam esta associação. Conhecer o local de nascimento, onde ocorreu sua formação académica e sua actuação profissional antes de ingressar na ordem de São Bento, provavelmente trará informações que ajudarão a esclarecer este episódio da arte renascentista nos trópicos.

A porta da igreja resume e antecipa geralmente todo o significado cósmico e teológico do templo, anunciando que o mesmo é uma porta do céu. Este sentido genérico concentra-se, por vezes, em uma série de mensagens específicas, adquirindo a função didáctica e propagandista para quem adentra ao templo. Os símbolos – "armas e insígnias da Religião" – representados nas métopas do cornijamento do pórtico da igreja beneditina de São Sebastião, têm por finalidade comunicar uma mensagem do mundo temporal e espiritual do universo cristão aos fiéis, ou permitir experimentar através do acontecimento simbólico, o sagrado. Estes elementos simbólicos, cujos temas estão vinculados a passagens do Antigo e Novo Testamento, encontram-se distribuídos da seguinte forma:

257

TRECHO CORRESPONDENTE À PORTA DE ENTRADA - LADO DO EVANGELHO

1. Fruto (melão)
2. Fruto (mamona)
3. Coroa de Duque
4. Mitra de Cardeal
5. Cruz grega
6. Chapéu cardinalício / capelo
7. Milícia de Cristo de Livonia, ordem religiosa fundada em 1202.
8. Mitra de Bispo
9. Coroa de Marques
10. Fruto (cacho de uva)

TRECHO CORRESPONDENTE À PORTA
CENTRAL DE ENTRADA

1. Fruto (romã)
2. Ordem dos Templários/ 1186
3. Coroa Real
4. Ordem de Cristo
5. Coroa Papal
6. Ordem de São Lázaro
7. Coroa Real
8. Cruz de Malta
9. Fruto (figo)

TRECHO CORRESPONDENTE À PORTA
DE ENTRADA - LADO DA EPÍSTOLA

258

1. Fruto (maça)
2. Coroa de flores
3. Coroa de Príncipe
4. Ordem de Calatrava, 1º ordem militar nacional da Espanha / 1158
5. Mitra de Abade
6. Ordem de Avis
7. Coroa de Conde
8. Coroa com penacho
9. Fruto (laranja)
10. Fruto (de casca grossa com nervuras)

As métopas que representam os frutos estão situadas nas áreas do friso que se encontra perpendicular à parede, em vários segmentos, correspondendo aos trechos que se sobrepõem ao capitel das colunas. Todos os outros símbolos, evidentemente, encontram-se em posição frontal a quem penetra no interior do templo. As armas e insígnias da religião estão divididas em quatro grupos simbólicos – coroa, cruz (Ordens Militares), mitra e fruto – assim representados:

COROA: Na Antiguidade servia como adorno, condecoração e distintivo de pessoas consagradas a divindades; era usada em competições, festas e sacrifícios. No cristianismo a coroa da antiguidade recebeu o valor de sinal da salvação alcançada. A coroa é sempre expressão de dignidade, de poder, de consagração ou de estado festivo. Na maioria das civilizações é usada pelos soberanos; quando termina em forma de domo, afirma uma soberania absoluta (BECHER, 1999, p. 74).

CRUZ: A cruz como símbolo é mais antiga que o quadrado; é também caracterizado pelo número quatro (simbologia dos números). Como duas ligações de pontos diametralmente opostos é símbolo da unidade dos extremos (ex., céu e terra), da síntese e da proporção. Nela se vinculam tempo e espaço. No cristianismo, pela morte de Cristo na cruz, esta tem um sentido especial como símbolo do sofrimento, mas também do triunfo de Cristo e, conseqüentemente, símbolo do cristianismo em geral (HEINZ-MOHR, 1994, p. 123-127)

ORDENS MILITARES: Surgem no tempo das cruzadas, quando os Muçulmanos começaram a perseguir os cristãos que iam em peregrinação ao sepulcro de Cristo. As ordens militares eram, nesse tempo, religiosas e guerreiras, e seguiam os costumes religiosos na igreja e no convento, e militar na guerra. A maioria das Ordens Militares adotaram como modelo de conduta para sua vida a Regra de São Bento. Os hábitos nos conventos eram monásticos e na guerra utilizavam as armas e roupas usuais do seu tempo. A distinção entre as Ordens se baseava principalmente no uso de insígnias (cruz), que facilitavam o reconhecimento dos seus membros (ROCCA, 2000, p. 93-96).

MITRA: Era originariamente cobertura da cabeça, usada entre vários povos asiáticos, tendo se tornado na Igreja cristã ornamento da cabeça dos bispos (com certas diferenças de modelos, segundo a dignidade). Associa-se emblematicamente ao sumo sacerdócio de Arão e aos dois chifres de Moisés; os liturgistas vêem neste chapéu a caridade vinda de Deus para com o próximo e também os dois testamentos da Bíblia (HEINZ-MOHR, 1994, p. 251).

FRUTOS: Simbiose da profundidade da terra e altura luminosa, o fruto é produto da prosperidade terrena e signo visível de bênção divina. Símbolo de abundância em razão dos grãos que contém, também significa maturação e desenvolvimento concluído. Dentre a variedade de frutos representados, ressaltamos:

FIGO: o fisiólogo compara a fruta da figueira, que só pode ser saboreada depois de aberta e retirada a casca amarga, com o Cristo. "Quando o figo for cortado torna-se alimento no terceiro dia. Assim também nosso Senhor, cujo lado foi aberto, ressuscitou no terceiro dia e tornou-se vida e alimento para todos" (BECKER, 1999, p. 129). A figueira, assim como a oliveira e a videira, é uma árvore que simboliza a abundância. Diversos Padres da Igreja interpretam o fruto como símbolo do Espírito Santo.

LARANJA, MELÃO E MELANCIA: como a maioria das frutas com muitas sementes, é símbolo da abundância e da fecundidade. MAÇÃ: sua forma esférica representa a terra e a concupiscência terrena; em virtude de sua cor e doçura atraente, veio a se tornar também símbolo de toda a sedução e pecado. O caráter perigoso da atração ao conhecimento manifesta-se nas representações da queda no pecado do primeiro casal humano (HEINZ-MOHR, 1994, p. 230). MAMONA: representa o aspecto ininteligível da existência. Depois de ter pregado em Nínive, sob a ordem de Deus, Jonas torna-se triste e inquieto, porque se surpreende com a atitude de Deus. Tem a impressão de viver num mundo privado de leis e, por essa razão, caótico. Deus fez crescer uma mamona, a fim de dar sombra à cabeça de Jonas. A visão desta mamona produz em Jonas uma alegria muito grande. No dia seguinte, na aurora, Deus faz surgir um verme; este pica a mamona, que seca logo em seguida. Quando o sol se levanta, Deus faz soprar do oriente um vento abrasador; Jonas desfalece. Depois Jonas se irrita e declara que a morte é preferível à vida. Daí, o diálogo entre Deus e Jonas. As reações de Deus são imprevisíveis, assim, tudo é imprevisível, e o homem sofre com esta insegurança, cuja ausência de lógica, ou antes com uma lógica cujos segredos não consegue descobrir. O crescimento e a morte repentinos do pé de mamona são símbolo dessa lógica. A aventura do pé de mamona convida o homem a não se fiar apenas na sua dialética; existe outra que lhe é superior (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 361).

ROMÃ: Por causa da riqueza de suas sementes foi, na antigüidade, símbolo da plenitude de vida e da fertilidade, atributo das divindades da vegetação e de Afrodite, e também de Zeus. E, em correspondência, também no AT é símbolo do amor e da benção divinos, sendo interpretado em sentido alegórico pelos Padres da Igreja, com referência a essa e à plenitude de seus mártires e mistérios. Na arte cristã, a romã é símbolo da plenitude de vida, também em nexos com a árvore do paraíso quer em figuras, como, por exemplo, em lamparinas cristãs. Uma romã aberta e expondo a abundância de suas sementes é atributo do amor misericordioso que se doa.

Na Idade Média, o aroma e os numerosos grãos da romã eram interpretados como símbolo da beleza e das numerosas virtudes de Maria. A forma esférica, o grande número de grãos e o aroma agradável eram considerados símbolo da perfeição, do número infinito de propriedades e da bondade de Deus. Além disso, a multiplicidade de grãos reunidos em um envoltório era visto como símbolo da Igreja. Também se associava o suco vermelho da romã com o sangue dos mártires. A romã, cuja casca é dura e incomedível e oculta no seu interior um suco doce, às vezes era considerada símbolo do cristão perfeito, especialmente do sacerdote (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 460).

UVA: símbolo da plenitude da vida. O cacho de uvas que os exploradores trouxeram da Terra Prometida é um símbolo da promessa. O reino prometido. O fruto da videira é a eucaristia. Na arte funerária do início do cristianismo, a uva era o símbolo da beatitude ultraterrena (BECHER, 1999, p. 296).

Os símbolos que se encontram em posição frontal estão relacionados ao poder e à hierarquia temporal e espiritual, que estabeleceram e estabelecem os meios e as regras de intermediação entre o homem e a divindade na Igreja Católica ao longo de sua história. Os símbolos que não estão localizados nos trechos frontais – as frutas – representam o trabalho da humanidade na busca da realização da simbiose entre a terra e a altura luminosa; o caminho do homem na busca da perfeição.

CONCLUSÃO

A nova Igreja de São Sebastião da Bahia é um marco na arquitectura brasileira, não só por ser a primeira a ser construída a partir da metade do século XVII, antecedendo, inclusive, a nova igreja dos jesuítas de Salvador, como também por demarcar a monumentalidade na construção de templos, iniciando uma nova fase na arquitectura religiosa implantada no Brasil.

O pórtico galilé da igreja, com certeza, pode ser considerado um marco do maneirismo em terras brasileiras. Possivelmente a presença do monge arquitecto Frei Macário de San Juan, personalidade que ainda carece de estudos que tragam à luz dados esclarecedores quanto à sua formação profissional e actuação no mundo ibérico, foi determinante na concepção e construção do pórtico.

Na trajectória da Ordem Beneditina, os elementos representados nas métopas frontais do pórtico veiculam representações de parcelas da sociedade que tiveram vínculos profundos com os beneditinos, seja através de sistemas de regalias, privilégios e protecção, estabelecidos entre o mundo leigo e o mundo religioso, seja através dos membros da Ordem que assumiram as posições mais significativas na estrutura hierárquica da Igreja Católica. Ali está representada a síntese histórica da Ordem de São Bento, do seu início até o século XVII. Se analisarmos num contexto mais amplo a inserção destes símbolos nas portas principais do templo, verificamos que a mensagem reforça a ideia de que somente através do reino dos crentes governado por São Pedro é possível ascender às portas do Paraíso.

Os valores cristãos presentes e manifestados nas métopas situadas em posição perpendicular à parte frontal do pórtico, como a misericórdia, a

abundância, a prosperidade, a plenitude, a beatitude, a maturidade e a imponderabilidade do homem diante de Deus, não estão colocados no primeiro plano da mensagem. Possivelmente, o momento militante de uma Igreja Contra-Reformista, que precisava demonstrar o seu poder e sua autoridade, direccionou a mensagem justamente em favor da glorificação desses aspectos temporais, em detrimento dos espirituais. Não obstante, buscar um nexo de união de todos os elementos presentes no pórtico, constitui-se em uma tarefa árdua, tanto pelas dificuldades de sua identificação exacta, como pelas diversas possibilidades de inseri-los em diferentes contextos culturais, teológicos e litúrgicos que, sem dúvida, não são capazes de reunir a totalidade da mensagem. Por sua vez, toda obra de arte implica um segredo intencional de seu criador; percebê-lo ou descobri-lo constitui uma tarefa apaixonante e, por isto mesmo, é sempre um grande desafio.

REFERÊNCIAS

262

- BAZIN, German. *Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2 vols.
- BECHER, Udo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.
- BLUTEAU, D. Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*: Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.
- BRUSCHI, Arnaldo. *Bramante*. Bilbao: Xarait, 1987.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos*: Imagens e sinais da arte cristã. São Paulo: Paulus, 1994.
- LIVRO Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade do Salvador. Salvador: Tipografia Benedictina, 1945.
- RACINET, Albert. *The encyclopedia of ornament*. Londres: Studio Editions, 1996.
- ROCCA, Giancarlo. *La sostanza dell'effimero*. Gli abiti degli ordini religiosi in occidente. Roma: Edizioni Paolini. Catalogo da Exposição no Museu nacional do Castelo Santo Angelo, janeiro a março de 2000.

ROCHA, O.S.B., D. Mateus Ramalho. Igreja do Mosteiro de São Bento da Bahia: História de sua construção. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 158(396), p. 645-738, jul./set. 1997.

RODRIGUES, Maria João Madeira. *Vocabulário técnico e crítico de arquitectura*. Coimbra: Quimera, 1996.

SÃO TOMÁS, Frei Leão de. *Benedictina Lusitana*. 1651. Tomo I e II. Introdução e notas críticas por José Mattoso. Lisboa: Fac Similar, N-CM, 1974.

SCAMOZZI, Vincenzo. *L'Idée della architettura universale. de Vincenzo Scamozzi*. Veneto: [s.n.], 1615.

SERLIO, Sebastiano. *Tercero y cuarto libro de arquitectura*. Barcelona: Editorial Alta Fulla, 1990.

SILVA-NIGRA, D. Clemente Maria da. *Os dois escultores Frei Agostinho da Piedade – Frei Agostinho de Jesus e o arquiteto Frei Macário de São João*. Salvador: UFBA, 1971.

VIGNOLA, Jacome de. *Regla de las cinco ordenes de arquitectura de Jacome de Vignola*. Madrid: A Costa de Iyidro Colomo, 1702.

FONTES MANUSCRITAS

ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA – ADB

Congregação de São Bento de Portugal – CSB

Códice 37: Documentos relativos à Província do Brasil. 323 p.

Códice 136. Mosteiro de São Sebastião da Bahia I, 1652-1740. 336 p.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO - AHU

Conselho Ultramarino – CU

Códice 284: Documentos avulsos do século XVII. 317 fls.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA – BNL

Códice 11416: Chronica do antigo, Real, e Palatino Mosteiro de São Martinho de Tibães desde a sua 1ª fundação até o presente. Escreve Frey Marcelino da Accensão, Monge professo em São Martinho de Tibães, Pregador Geral Jubilado, Examinador Sinodal das tres Ordens Militares, Ex-Abbate do Mosteiro de São Bento de Santarem, e actual Chronista da Congregação Benedictina de Portugal. 713p.

ARQUIVO DO MOSTEIRO DE SINGEVERGA - AMS

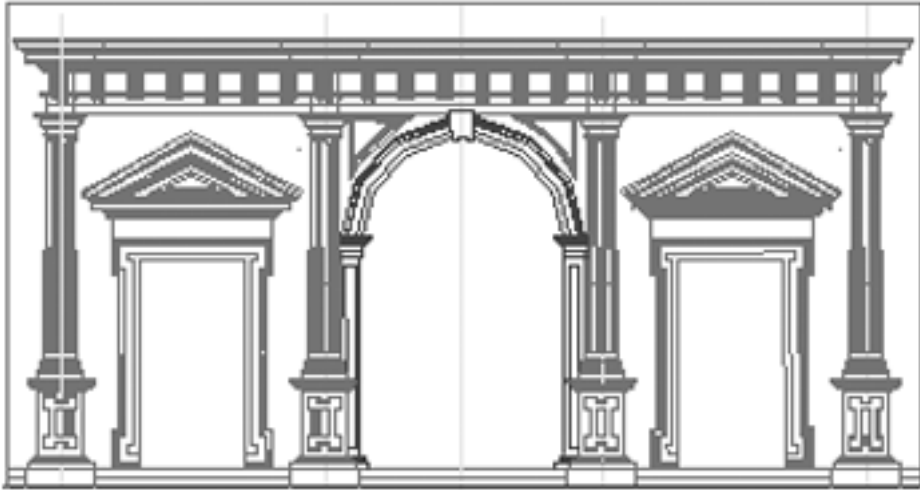
Bezerro 1: Livro dos Capítulos Geraes da Congregação do Glorioso Pae São Bento de Portugal e de suas diffinições eleições. Primeyro Tomo, 267 fls.

ARQUIVO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA - AMSBBA

Códice 155 – Dietário do Mosteiro de São Sebastião da Bahia

ARQUIVO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITÓRIA DO PORTO – AMSBV

Constituyções e diffinicoens da Ordem de São Bento pera á Provinça do Brazil. 23 de junho de 1623, Mosteiro da Bahia. Fls.



VISTA FRONTAL



PLANTA BAIXA



266

Fotografia 01 – Vista do pórtico da Igreja de São Sebastião da Bahia.



Fotografia 02 – Trecho do entablamento do pórtico da Igreja São Sebastião da Bahia.